

Pandemia e Religião: materialização da fé entre evangélicos de Murinin - Benevides, Pará¹

William Costa da Silva²

Marina Ramos Neves de Castro³

Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo

Este trabalho objetiva compreender de que maneira as experiências evangélicas vividas durante a pandemia de COVID-19 são interpretadas por integrantes da comunidade Murinin (Benevides, PA), a partir de suas narrativas e das dinâmicas observadas nas igrejas locais. A pesquisa busca entender como os fiéis ressignificaram suas práticas religiosas diante das transformações impostas pela crise sanitária, especialmente em relação aos discursos sobre ciência, política e saúde. A questão central da pesquisa é como as experiências de fé evangélica se manifestaram durante e após a pandemia. A pesquisa utiliza narrativas e observações participativas a partir de uma abordagem etnográfica em curso, com o objetivo de compreender as mudanças nas dinâmicas religiosas.

Palavra-chave: Pandemia; Evangélicos; Amazônia; Murinin.

Introdução: Contexto e Caminhos

Este artigo parte das vivências e expressões de fé no contexto da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos pós-pandêmico entre os evangélicos da comunidade de Murinin. Localizada no município de Benevides, na Região Metropolitana de Belém, capital do estado do Pará, Murinin apresenta características comuns a muitas comunidades periurbanas amazônicas, marcadas por rápidas transformações sociais e territoriais. Nesses espaços, a presença evangélica — em especial a pentecostal — tem se expandido nas últimas décadas, reconfigurando tanto as dinâmicas sociais quanto as práticas espirituais coletivas e cotidianas.

O objetivo é compreender os processos de reelaboração de suas crenças e práticas religiosas em resposta às mudanças trazidas pela pandemia e suas repercussões. Salientamos que a crise sanitária modificou as rotinas de culto, a interação comunitária, ampliou discussões sobre ciência, saúde, política e escatologia no universo religioso, gerando reações e adaptações das lideranças e dos membros das igrejas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: contato.wcosta@gmail.com

³ Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia e Faculdade de Comunicação da UFPA. E-mail: marinacastro@ufpa.br

Este estudo é relevante para a compreensão das dinâmicas religiosas no contexto amazônico pós-pandêmico, frequentemente negligenciadas em análises mais abrangentes. A comunidade Murinin, com suas particularidades socioculturais e forte presença evangélica, representa um local ideal para investigar como a fé se reorganiza e adquire novos significados em resposta a crises globais, interagindo com as especificidades locais e as trajetórias individuais e coletivas dos fiéis. A análise busca, portanto, enriquecer o campo dos estudos de religião, antropologia e comunicação, proporcionando percepções sobre a resiliência e a adaptabilidade das experiências religiosas contemporâneas.

A compreensão das vivências (Castro, 2024)⁴ e da manifestação da fé evangélica na comunidade Murinin, dentro do cenário de pandemia e pós-pandêmico, requer um diálogo com bases teóricas que discutam as intersecções entre religião, mídia, política, gênero e outras particularidades do contexto amazônico. No entanto, nesse primeiro instante, refletimos sobre a crescente visibilidade do evangelicalismo na esfera pública do Brasil, com um foco nas relações entre religião, política e mídia. Esse olhar é semelhante àquela enfatizada por Cunha (2023), que aponta a impossibilidade de desvincular a análise política atual da dimensão religiosa, sublinhando a importância da perspectiva de gênero, especialmente no que se refere às mulheres negras, que constituem a maioria entre os evangélicos no Brasil.

Cunha (2019) procura entender como as mídias digitais se transformaram em espaços privilegiados para o ativismo religioso e político, moldando discursos, mobilizando fiéis e, em algumas ocasiões, propagando desinformação. A pandemia, nesse contexto, amplificou o uso dessas plataformas, tanto para sustentar os vínculos comunitários e práticas de culto virtuais quanto para a disseminação de narrativas sobre a crise de saúde, frequentemente infiltradas por visões escatológicas, anticientíficas ou politizadas.

A proposta é compreender as vivências e as maneiras como a fé se manifesta no dia a dia dessas pessoas no período pós-pandêmico. A observação participante possibilita entender as dinâmicas interativas nos ambientes religiosos - igrejas, grupos de oração, eventos - e comunitários, enquanto as narrativas, coletadas por meio de entrevistas

⁴ Compreendemos vivências a partir da discussão de Castro (2024) “Vivenciar é algo que pode acontecer, mesmo que não o queiramos, estamos no mundo e o sentimos, o vivenciamos. Experimentar seria algo mais proposital, mais intencional. No entanto, ambos podem ocorrer, e geralmente ocorrem, ao mesmo tempo; os níveis de vivência e experienciamento é que se modificam, dependendo do envolvimento perceptível de cada um.” (Castro, 2024, p. 244-245)

semiestruturadas e diálogos informais, oferecem acesso às interpretações, significados e emoções que os fiéis atribuem às suas jornadas de fé durante a pandemia⁵.

De partida, a abordagem metodológica é traçada a partir do objetivo inicial desta pesquisa qualitativa, que se foca na coleta e análise de narrativas e na observação participante entre os integrantes da comunidade evangélica de Murinin, Benevides (PA). A meta é capturar, de forma densa e contextualizada, as experiências que esses indivíduos viveram e as formas como a fé se manifestou em seu cotidiano durante o período da pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, a observação participante facilita a compreensão das interações nos espaços religiosos (igrejas, grupos de oração, eventos) e comunitários, enquanto as narrativas (obtidas através de entrevistas semiestruturadas ou diálogos informais) proporcionam insights sobre as interpretações, significados e sentimentos que os próprios crentes atribuem a suas experiências de fé. Ao final, busca-se a produção de uma etnografia.

Vivências e Experiências no campo

No campo, a prática de observação participante se desenvolve por meio da participação dos cultos, das observações das narrativas, das entrevistas, de anotações em caderno de campo, utilização de serviços, compras de produtos, doações, diálogos, apresentações, convites, encontros em cafés, sucos, cultos e uma variedade de reuniões, lanches, passeios de bicicleta, caminhadas, cortes de cabelo, compras de açaí, banhos no igarapé, entre diversas outras experiências. Todas essas experiências e vivências (Castro, 2024) são construídas dentro dessa interação de estar presente na Comunidade de Murinin, não apenas como um espaço físico para pesquisa, mas como uma base para organizar um pensamento dialético a partir desse locus.

Para a compreensão do fenômeno, a vivência na Comunidade de Murinin se estende de janeiro de 2024 a maio de 2025, com um desfecho em entrevistas com moradores que se identificam como evangélicos e, nesse contexto, estão associados a algumas das igrejas locais. Em fevereiro de 2025, Katia Assunção, conhecida como

⁵ No contexto mundial, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo. Em 5 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19> e em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/apos-dois-anos-chega-ao-fim-estado-de-emergencia-em-saude-publica-por-conta-da-covid-19-no-brasil>. Acessos em 13 jun. 2025.

professora Leninha, e seu esposo Maycon Assunção, conhecido como presbítero Maycon, abriram as portas de sua residência para receber o pesquisador. Ambos se identificam como assembleianos membros da Congregação Orvalho de Hermon, que faz parte de Igreja Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin, portanto, pentecostais vinculados à Assembleia de Deus, filiada à Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA) e também, Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil (CGADB).

Esse recebimento se deu um ano após a interlocutora facilitar o acesso à sua avó Francisca, de 100 anos, para que ela compartilhasse suas experiências em Murinin e a origem do protestantismo pentecostal naquela comunidade, que remonta há cerca de 85 anos, com a chegada da igreja evangélica Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin, à qual ambas pertencem.

No estado do Pará, o Decreto nº 609, datado de 16 de março de 2020, estabelecia diretrizes para enfrentar a pandemia de COVID-19, suspendendo a realização de cultos e eventos religiosos com a presença de mais de 10 pessoas e respeitando as orientações de saúde para evitar contaminação do vírus. Com um novo decreto emitido em 23 de maio de 2020, foram mantidas as mesmas orientações quanto aos cultos, missas e eventos religiosos, acrescentando um parágrafo único que recomendava a realização remota dessas atividades, reconhecendo sua importância especialmente no que tange à prestação de assistência social e atendimento a populações em situação de vulnerabilidade.

No município de Benevides, que integra a Região Metropolitana de Belém e onde se localiza o Distrito de Murinin, objeto deste estudo, ocorreu uma série de decretos relacionados à pandemia. O Decreto Municipal nº 539, datado de 17 de março de 2020, abordou as medidas necessárias de combate à COVID-19, seguido pelo Decreto nº 540, de 18 de março de 2020, e o Decreto nº 541, de 20 de março de 2020, entre outros. O último incluía diretrizes sobre a fiscalização e a obrigação do fechamento de estabelecimentos que não seguissem as disposições do decreto, por não oferecerem serviços considerados essenciais.

Estávamos nos preparando para irmos ao culto, como fazíamos normalmente, todos os domingos, quando recebemos a mensagem do pastor da igreja, pelo WhatsApp, informando que não haveria culto, pois ele tinha se reunido com a vigilância sanitária do município e a orientação era de que fechassem os templos (Assunção; Assunção, 2025, p. 1).

Na narrativa, Assunção e Assunção (2025) confirmam as diretrizes para a contenção do coronavírus e, imediatamente, percebemos o quanto foi indispensável o uso

de novas tecnologias para estabelecer comunicação e mobilização entre a rede de igrejas, a qual se desdobrou a partir de um Templo Central (igreja matriz) e cerca de 23 congregações, localizadas geograficamente dentro do distrito, sob a denominação de Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin.

De acordo com Silva e Castro (2024a), com a paralisação das atividades presenciais, a Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin (ADPM) passou a realizar cultos por meio das plataformas sociais, utilizando transmissões ao vivo com formato semelhante ao da televisão, permitindo que os líderes se dirigissem diretamente aos fiéis que permaneciam em casa, adotando uma liturgia mais concisa, com menos duração e um número reduzido de participantes responsáveis pela condução dos cultos. Durante as mensagens do líder da igreja, na época, pastor José Ribamar, foram discutidas as diretrizes sanitárias em vigor, conforme as instruções das autoridades competentes e houve a menção da continuidade das transmissões ao vivo para os cultos da igreja ADPM.

Pertencendo à mesma rede capilar da igreja, profª Leninha e presbítero Maycon, a responsabilidade pela administração financeira frequentemente recai sobre o pastor da sede, mas no que diz respeito ao cuidado humanizado e próximo, essa condução é orientada pelo líder da congregação, que ocupa um cargo eclesiástico, como evangelista, diácono, presbítero ou até pastor, mas que supervisiona uma das extremidades dessa rede.

De início fechou tudo, aí reuníamos em casa, por famílias. Mas no domingo seguinte, fizemos o culto online, de casa mesmo e, nos demais domingos, já usamos a igreja. Na época, o Maycon era dirigente da congregação Orvalho de Hermon e, mesmo com os decretos, recebíamos mensagens de irmãos que queriam que fizéssemos os cultos presenciais, ao menos uma das orações, pois em outra igreja estava acontecendo escondido. Então, percebemos que algumas pessoas ficaram desesperadas pensando que era o apocalipse, mas nós não víamos assim, pelo contrário, entendíamos a questão de saúde que estávamos vivendo (Assunção; Assunção, 2025, p.1).

O depoimento acima, evidencia a importância da presença do outro para que a comunhão se concretize, assim como a valorização da experiência mediada a partir da fé evangélica. Dentro desse contexto, evidenciamos primeiro a necessidade de estar-junto (Maffesoli, 1999; Castro, 2024), que passa a ser realizada à distância, mediada pela tecnologia, onde os elementos do culto são convocados, e a necessidade de alcançar o transcendente através da presença física do outro, evidenciando a materialização da fé na convivência.

De acordo com Sodré (2002), existe, por vezes, um *ethos* midiático que transforma nossas vivências e experiências, fundamentado na mediação tecnológica, a

qual redefine a posição do indivíduo no mundo atual. Neste aspecto, a mídia também desempenha um papel na ressignificação de valores religiosos,

Por isto constam do imaginário midiático motivações características de modos de funcionamento tradicionais, como preocupações com segurança existencial, religião e família. Estes são elementos e valores ressignificados pelos dispositivos tecnoculturais em função da imagem pública que se deseja construir” (Sodré, 2002, p. 34,35).

Para Sodré (2002), a visão do *ethos* reside na ativação afetiva que se manifesta em emoções, sentimentos e atividades. Para isso, há um movimento que se entrelaça entre os meios de comunicação e a vida social, levando a transformações nos processos de interação e na maneira como as pessoas se conectam com o mundo e entre si, resultando em uma subjetividade influenciada pela mídia.

Com base na interpretação fenomenológica de Castro (2012) de Schutz, podemos compreender essa visão como uma esfera mental da vida social, ou seja, a "experiência e ação são atos interligados que não provêm de uma mente que gera sentidos, mas sim da interação entre diferentes mentes, no decorrer do processo social" (Castro, 2012, p. 54).

No que diz respeito à interconexão entre crença religiosa, racionalidade prática e percepção social, Assunção e Assunção (2025) indicam, nas narrativas escatológicas, o cumprimento da profecia bíblica, embora se distanciem da interpretação bíblica apenas com a abordagem sobrenatural do fenômeno pandêmico. Retoma-se, assim, a análise do fenômeno com padrões proféticos, mas também com uma visão causativa, ou seja, a diminuição da adversidade, evitando a demonização pura dos impactos da pandemia.

Tínhamos uma leitura muito neutra, víamos como parte do cumprimento de profecia [bíblica], mas nós não espiritualizamos a coisa como muitos fizeram. Tínhamos a consciência do que estava acontecendo, apesar de nunca vivermos uma pandemia. Não víamos como as forças do mal querendo fechar a igreja. A partir dos decretos ficávamos sabendo o que teríamos que fazer. Quando veio, tentamos nos manter neutros, pois não foi uma ordem só para igrejas, foi para todos, inclusive as demais religiões. Os comentários vinham, por conta das informações que circulavam, como que de perseguição à igreja, e foi difícil, porque tínhamos que desconstruir e orientar os irmãos (Assunção; Assunção, 2025, p.2).

Nesse contexto, observa-se uma necessidade de assimilar e aceitar a realidade emergente e, mesmo sem experiências anteriores com pandemias, não houve negação, mas uma percepção consciente da singularidade do cenário, com a adaptação comportamental às normas sanitárias.

Sob um governo marcado pelo negacionismo científico e apoiado por lideranças evangélicas, o bolsonarismo — fenômeno de extrema direita liderado por Jair Messias

Bolsonaro — estruturou-se em torno de discursos religiosos e nacionalistas, como "Deus acima de todos" e "Deus, pátria, família e liberdade". Por meio da disseminação de desinformação, retórica de ódio e mobilização simbólica da fé, consolidou uma estratégia político-discursiva voltada à polarização e ao controle ideológico (Almeida, 2019; Machado, 2020).

Nesse contexto, a leitura de fieis evangélicos, desprovida do cuidado às informações, somada à incitação ao desprezo ao trabalho jornalístico, fomentando aversão e hostilidade a veículos de imprensa que, de certa forma, retratassem o governo em seu aspecto real, era, por meio das redes sociais, alvo de críticas, ódio e incentivo à descredibilização do trabalho ético.

Pós

No período pós-pandemia, a situação na igreja ADPM é de um retorno gradual às atividades presenciais, seguindo as diretrizes de saúde e as orientações até que o uso de máscaras seja liberado, momento em que uma parcela significativa da população terá recebido cerca de duas doses da vacina contra a COVID-19. Em Benevides, por volta de maio de 2022, conforme estipulado pelo Decreto 095/2022.

De acordo com Assunção e Assunção (2025), a vivência da pandemia à frente da Congregação Orvalho de Hermon (que faz parte da igreja ADPM) proporcionou a eles a oportunidade de experimentar e aplicar inovações tecnológicas por meio da transmissão de cultos nas redes sociais, além de promover um aumento no uso de plataformas de mensagens, que também foram incentivadas em outras igrejas do mesmo campo.

A pandemia levou a ADPM a adaptar suas formas de culto e interação com os fiéis. A igreja adotou transmissões ao vivo e redes sociais como mecanismos de continuidade espiritual, o que revela um deslocamento temporário das práticas presenciais para o ambiente digital (...). Esse movimento é interpretado como parte de um ethos midiático emergente, embora a resistência e a baixa manutenção dessas práticas após a pandemia indiquem que tal ethos não se consolidou como definitivo na dinâmica da igreja (Silva; Castro, 2024b, p. 145 e 148).

Apesar da proposta, devido ao fechamento, percebeu-se, segundo Silva e Castro (2024), a valorização da vivência coletiva presencial, o que indica um comprometimento temporário da totalidade dessas experiências, levando a instituição a buscar soluções tecnológicas que compensem, mesmo que de forma parcial, o laço espiritual e emocional com os participantes.

Conforme mencionado por Silva e Castro (2024), a prática religiosa na ADPM está intimamente ligada à presença física e à territorialidade da cerimônia. O templo e a Praça da Bíblia atuam como referências simbólicas e concretas do espaço sagrado, reforçando relações sociais locais fundamentadas na convivência, memória e reconhecimento mútuo. Embora as transmissões dos cultos durante a pandemia tenham refletido uma sociabilidade mediada por tecnologias, elas não romperam com o conceito de reunião comunitária tradicional.

Embora o uso de plataformas digitais tenha permitido a manutenção de um certo nível de envolvimento durante o isolamento, o retorno às celebrações presenciais reafirma a importância da convivência física como fundamento da fé. A experiência de mediatização, nesse contexto, contribui para uma reflexão interna da igreja sobre como combinar tecnologia e espiritualidade, sem substituir as formas tradicionais de culto (Silva; Castro, 2024, p. 149).

Conclusão

As reflexões propostas aqui buscam entender como a fé evangélica foi experimentada, mediada, reinterpretada e concretizada na comunidade de Murinin (Benevides/PA) durante e após a pandemia de COVID-19. Ao optar por uma abordagem qualitativa, centrada na observação participativa e nas narrativas de membros, especialmente da Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin (ADPM), foi possível acessar significados, emoções e lógicas práticas que operaram nos processos de adaptação, resistência e continuidade da vida religiosa em meio a uma crise sanitária sem precedentes. O campo, mais do que um espaço geográfico, tornou-se uma dimensão relacional e interpretativa, onde os encontros diários — entre fé e medo, esperança e dúvida, corpo físico e tela intermediada — traçaram um mapa da resiliência espiritual evangélica.

A pandemia, ao forçar o distanciamento físico e trazer incertezas, provocou um deslocamento das práticas litúrgicas para o meio digital, ainda que de forma improvisada e circunstancial. A experiência de mediatização da fé, como observado na ADPM, se mostrou mais como uma estratégia de sobrevivência ritual do que uma transformação estrutural em direção ao digital. Embora houvesse a mobilização de recursos tecnológicos — transmissões ao vivo, uso intensivo do WhatsApp, e a produção de conteúdo simplificado —, essas ferramentas não foram suficientes para estabelecer um *ethos*

mediático consolidado. A adesão à tecnologia foi pontual, carregada de tensões e, muitas vezes, interrompida após a volta dos cultos presenciais. O corpo congregado e o espaço do templo continuaram a ser elementos centrais na configuração da experiência religiosa (Silva; Castro, 2024).

Nas declarações de lideranças e fiéis entrevistados, surgem histórias que variam entre a aceitação da seriedade da pandemia e uma interpretação escatológica que confere um significado espiritual à crise. Essas visões não foram homogêneas: existiram discursos que espiritualizam o sofrimento e também posições mais racionais, fundamentadas em orientações sanitárias e responsabilidade comunitária. O esforço para mediar a intersecção entre fé e saúde pública, exemplificado pelas ações da liderança da congregação Orvalho de Hermon, revela uma consciência pastoral capaz de equilibrar a devoção espiritual e o cuidado social. Esse posicionamento quebra, pelo menos em parte, com a narrativa negacionista propagada por alguns setores do evangelismo alinhados ao bolsonarismo, como apontam Assunção e Assunção (2025) em suas análises.

Nesse entrelaçamento de fé, política e comunicação, nota-se que a adesão sem crítica a discursos religiosos conservadores não ocorreu de maneira linear ou absoluta. Apesar da pressão de notícias falsas e interpretações apocalípticas promovidas nas mídias sociais, muitos fiéis utilizaram seus próprios filtros interpretativos, baseados em suas jornadas de fé, experiências locais e laços de confiança com suas lideranças. A intersubjetividade nas igrejas de Murinin funcionou, portanto, como um mecanismo de reequilíbrio simbólico, permitindo reinterpretar a pandemia como um evento complexo, simultaneamente humano e espiritual, causal e profético, mas nunca definitivo.

No aspecto das socialidades, a pesquisa destacou a importância do espaço físico do templo e das interações pessoais na experiência evangélica local. Mesmo diante da pressão do ambiente digital, o sentimento de comunidade permaneceu como um valor fundamental. A Praça da Bíblia, os encontros em lares, os passeios e ações cotidianas, como a troca de refeições ou visitas a idosos, preservaram o senso de pertencimento religioso. O período pós-pandemia não resultou em uma ruptura, mas sim em uma reconexão com práticas tradicionais de fé, agora marcadas pela memória da crise e pela vivência da falta. As tecnologias não desapareceram, mas foram reconfiguradas como um suporte adicional ao invés de um alicerce central da espiritualidade.

Por último, a materialidade da fé no pós-pandemia, como observada em Murinin, reafirma a complexidade das experiências religiosas nos contextos amazônicos,

caracterizados por desigualdades, laços comunitários e uma religiosidade vibrante. O exemplo da ADPM demonstra como as igrejas locais conseguiram equilibrar tradição e inovação, corporeidade e mediação tecnológica, escatologia e pragmatismo. Os fiéis, distantes de serem meros receptores passivos, mostraram uma capacidade interpretativa ativa e uma sensibilidade social, adaptando-se sem renunciar a suas referências fundamentais. Em tempos de crise, a fé emergiu como um abrigo e uma linguagem para a renovação coletiva da esperança. E, como a pesquisa evidenciou, essa esperança se mostrou — e continua a ser — profundamente relacional, territorializada e vivida de forma plural.

Referências

- ALMEIDA, R. **A religião do Bolsonaro**: Evangélicos e política no Brasil. São Paulo: Todavia, 2019.
- ASSUNÇÃO, K. ASSUNÇÃO, M. **Entrevista sobre as vivências durante e após a pandemia de COVID-19 em Murinin: Orvalho de Hermon**. Entrevista pessoal realizada em 2 de fevereiro de 2025.
- CUNHA, M. As marcas das mídias sociais no voto das mulheres evangélicas. **Debates do NER**, [S. l.], p. 95–106, 2023. DOI: 10.22456/1982-8136.131025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/131025>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- _____. **Do púlpito às mídias sociais**. Evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- CASTRO, F. F. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz**. Revista Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 48, n. 1, p. 52-60, jan./abr. 2012.
- CASTRO, M.R.N. de. **As formas sociais do gosto**. Curitiba: Ed. Appris, 2024.
- MACHADO, M. das D. C. Religião e política: os evangélicos e a reconfiguração do campo religioso brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, 2020.
- SILVA, W. Costa. CASTRO, M. R. N. Ir à igreja: percepções sobre a atuação da igreja Evangélica Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin na internet durante e após a pandemia de COVID-19. In: **47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 27 e 29 de agosto de 2024, e outra presencial, em Balneário Camboriú, entre os dias 04 e 06 de setembro de 2024. São Paulo: Intercom, 2024a. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/06282024184638667f2f3e96d80.pdf>. Acesso em 14 jun. 2025.
- _____. Igreja evangélica Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin: da pandemia às novas tecnologias. In: **Socialidades e sensibilidades amazônicas**. CASTRO, M. R. N... [et al.], organizadores. — Belém: NAEA, 2024b. Disponível em: <https://www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes/514-978-85-7143-239-0>. Acesso em 14 jun. 2025.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.